





# Guimarães Rosa, leitor de Euclides da Cunha<sup>1</sup>

Willi Bolle\*

\* [Professor de Literatura da USP. Autor de *Fisiognomia da Metrópole Moderna*, Edusp, 2.a ed. 2000, e de *grandesertão.br – O romance de formação do Brasil*, Duas-Cidades/Ed. 34, 2004; organizador da edição brasileira das *Passagens*, de Walter Benjamin, EDU-FMG/Imprensa Oficial SP, 2006.]

<sup>1</sup> [Publicado pela primeira vez na revista *Brasil/Brazil*, vol. 20, 1998, p. 9-41. O artigo foi inteiramente revisto e atualizado em função desta nova publicação.]

<sup>2</sup> Um texto fundador para a teoria da re-escrita é "Pierre Menard, autor del Quijote", de Jorge Luis Borges (*Ficciones*, 1944), in: *idem, Obras Completas*, vol. I, Buenos Aires, Emecé, 1989, p. 444-450.

<sup>3</sup> "Grande Sertão : Cidades", in: *Revista USP* 24 (1994/95), p. 81-93, especialmente 84-87.

<sup>4</sup> Segundo o Professor Antonio Soares Amora, num curso dado sobre *Grande Sertão : Veredas*, na Freie Universität Berlin, no semestre de verão de 1966, existe uma declaração de Guimarães Rosa, referente ao período de elaboração do romance, em que o romancista diz "ter relido devidamente *Os Sertões*".

<sup>5</sup> Wolf Lepenies, *As três culturas*, São Paulo, Edusp, 1996; Eberhard Lämmert, "Geschichte ist ein Entwurf? Die neue Glaubwürdigkeit des Erzählens in der Geschichtsschreibung und im Roman", in: *The German Quarterly* 63 (1990), n.º 1, p. 5-18; Luiz Costa Lima, *Terra ignota. A construção de 'Os Sertões'*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1997.

<sup>6</sup> Antonio Candido, "O Sertão e o Mundo", in: *Diálogo* (1958), n.º 8, p. 5-18.

<sup>7</sup> Walnice Nogueira Galvão, *As Formas do Falso. Um estudo sobre a ambigüidade no Grande Sertão : Veredas*, São Paulo, Perspectiva, 1972, p. 63.

<sup>8</sup> W. Bolle, "O pacto no *Grande Sertão* esoterismo ou lei fundadora?", in: *Revista USP* 36 (1997/98), p. 27-44, especialmente 28 s.

A hipótese deste trabalho consiste em considerar o romance *Grande Sertão : Veredas* (1956) como uma re-escrita<sup>2</sup> de *Os Sertões* (1902), o outro retrato do Brasil feito a partir da região central do país, a outra obra incomensurável da literatura brasileira do século XX, onde também muita coisa ainda resta a decifrar. Num capítulo intitulado "Guimarães Rosa, autor d'Os Sertões", que faz parte de um ensaio publicado em 1995, esbocei alguns argumentos a favor dessa tese.<sup>3</sup> Por meio de uma imagem de pensamento de Walter Benjamin procurei elucidar a *raison d'État* do escritor Guimarães Rosa: para ele poder realizar seu projeto *Grande Sertão : Veredas*,<sup>4</sup> tinha de refazer minuciosamente o caminho de quem o precedeu.

Re-andar pela estrada-texto aberta por Euclides da Cunha com *Os Sertões* e reescrever o texto implicava em trabalhar com alguns pressupostos que, à luz de contribuições teóricas mais recentes, poderiam ser assim formulados:

1) De um modo mais geral, observa-se uma concorrência entre o gênero científico e o ficcional quanto à representação da História, envolvendo considerações sobre os objetivos e a capacidade específica do gênero romance. Trata-se de uma questão bastante complexa, detalhadamente discutida, entre outros, pelo historiador das ciências Wolf Lepenies, o teórico da literatura Eberhard Lämmert e o também teórico e autor de um estudo euclidiano inovador, Luiz Costa Lima.<sup>5</sup>

2) A diferença específica do romance de Guimarães Rosa com relação à historiografia foi analisada pela crítica sob diversos ângulos: seja como opção radical pela "liberdade de inventar" (ANTONIO CANDIDO, 1958)<sup>6</sup>; seja como "dissimulação da História, para melhor desvendá-la" (WALNICE GALVÃO, 1972)<sup>7</sup>; ou ainda como despreendimento da história empírica em prol da *Urgeschichte*, história primordial ou tempo-espaço arcaico entre mito e história.<sup>8</sup>

3) O romance introduz uma diferença de “tom”, um distanciamento em relação à dicção grandiloquente de *Os Sertões*. O *Grande Sertão* enquanto epopéia da jagunçagem é uma imitação e uma paródia da obra anterior; já as *Veredas*, enquanto micro-história do cotidiano sertanejo, são seu contraponto. Outro tom, outra concepção de história.

A hipótese que acaba de ser esboçada — *Grande Sertão : Veredas* como reescrita d’ *Os Sertões* — mereceria ser levada mais avante. No momento, porém, parece-me mais urgente tratar de uma questão prévia: Como é que Guimarães Rosa efetivamente leu *Os Sertões*? Examinemos filologicamente a questão.

Num estudo sobre as leituras de Guimarães Rosa, realizado nos anos 70 na biblioteca do escritor, só encontramos a informação que *Os Sertões* constava da lista dos livros considerados pelo romancista os melhores da literatura brasileira.<sup>9</sup> Não há indicações se existem eventuais anotações de Rosa no seu exemplar d’ *Os Sertões*. Resolvi, então, consultar esse exemplar, pertencente à biblioteca de Guimarães Rosa, que foi integrada ao acervo do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo,<sup>10</sup> e verifiquei que lá existem ao todo 59 anotações ou marcas de leitura. Trata-se essencialmente de palavras sublinhadas ou de passagens marcadas por meio de sinais à margem. Anotações propriamente ditas, isto é, palavras escritas à margem, existem poucas; há apenas quatro ocorrências.<sup>11</sup>

Um problema específico nas transcrições é o tipo de anotação do contexto das marcas de leitura de Guimarães Rosa em seu exemplar d’ *Os Sertões*. Várias vezes, o caráter aproximativo dos sinais à margem torna impossível delimitar com exatidão o início e o fim da passagem em questão. Até que ponto o campo textual em volta das palavras marcadas deve ser incluído ou excluído? Para não deixar lacunas de compreensão, optei por sempre transcrever a(s) frase(s) por inteiro, acrescentando, quando necessário, algumas breves informações contextuais. Seria interessante investigar em que medida as marcas de leitura de Rosa constituem “estímulos estilísticos” e comentar o campo verbal em volta delas, ou seja, o “contexto estilístico”, tal como foi definido por Michael Riffaterre.<sup>12</sup> Com isso, estaríamos passando, ou voltando, das questões técnicas de edição para o terreno da interpretação.

A questão-guia para a presente investigação é esta: Como se configurou, no processo de criação de Guimarães Rosa, o caminho das marcas de leitura registradas em seu texto d’ *Os Sertões* até a “re-escrita” do livro precursor sob a forma do romance *Grande Sertão : Veredas*? Será que existem ou ainda podem ser encontrados dados textuais que permitam reconstituir, com os métodos da crítica genética, esse elo que falta? Na verdade, trata-se menos de “influências” empíricas do que de *afinidade intertextual eletiva*, um conceito que proponho considerar como unidade constitutiva da história literária.

Ao que me consta, nos estudos de crítica genética realizados até o presente momento, informações sobre a “influência” ou a “utilização” de Euclides da Cunha no romance de Guimarães Rosa são praticamente inexistentes. O estudo mais detalhado sobre a gênese da obra-prima rosiana investigou os diversos rascunhos, o “tiposcrito” original e as provas editoriais do romance.<sup>13</sup> Na análise desses proto-textos, que nos permitem ter uma idéia de *Grande Sertão : Veredas* como oficina de escrita, não se encontra, no entanto, nenhuma informação sobre anotações de Guimarães Rosa no seu exemplar d’ *Os Sertões* ou outro tipo de diálogo com a obra de Euclides.

<sup>9</sup> Suzi Frankl Sperber, *Caos e Cosmos. Leituras de Guimarães Rosa*, São Paulo, Duas Cidades, 1976, p. 141.

<sup>10</sup> Euclides da Cunha, *Os Sertões*, Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alvez, 19.ª ed. corrigida, 1946, 646 p. É de notar que o ano de publicação dessa edição é o mesmo do livro de estréia de Guimarães Rosa, *Sagarana*; de fato, a partir daí ele pôde voltar-se para novos projetos.

<sup>11</sup> As palavras anotadas à margem são estas: “gerais” (marca de leitura n.º 3); “?(erro)?” (10); “hogós” (31); “onda do luar”, “adjetivos” (42).

<sup>12</sup> M. Riffaterre, *Essays de stylistique structurale*, Paris, Flammarion, 1971, capítulos 1 e 2 (“Critères pour l’analyse du style” e “Le contexte stylistique”).

<sup>13</sup> Elizabeth Hazin, *No nada, o infinito. Da gênese do Grande Sertão : Veredas*, São Paulo, FFLCH-USP, 1991, tese de doutorado inédita.

Na falta de dados que permitam reconstituir empiricamente o elo entre a leitura rosiana d'*Os Sertões* e sua hipotética re-escrita na forma de *Grande Sertão : Veredas*, tem de se recorrer a um tipo de comentário das marcas de leitura que proponha uma hipótese sobre a construção do romance. Metodologicamente falando, pode se pensar em três caminhos.

Uma primeira aproximação consistiria em observar o caráter geral da leitura realizada por Guimarães Rosa e defini-la de uma maneira holística. Seriam levados em conta também a "topografia" e a distribuição das marcas de leitura no texto d'*Os Sertões*, cuja divisão em três partes (a Terra, o Homem, a Luta) pode eventualmente ter tido alguma influência na composição do romance. Na primeira parte d'*Os Sertões*, Rosa, com três ou quatro citações, recorta um quadro da natureza: a bacia do Rio São Francisco, "o grande caminho da civilização brasileira", com o Rio das Velhas, a Serra do Cabral e a "paragem formosíssima dos gerais". Montado esse quadro, ele focaliza, na segunda parte, com outras três ou quatro citações, o perfil econômico, social e político da região: o líder Antonio Conselheiro, pertencendo à uma "família, vivendo de vaqueirice", e a massa dos vaqueiros, vivendo num estado de "servidão inconsciente". Esboço completado por um quadro etnográfico que mostra que o sertanejo, em função do seu árduo trabalho cotidiano, está a todo momento pronto para a luta, um guerreiro nato — em que pesa, porém, o atraso tecnológico de seu armamento. Quanta à terceira parte, a mais volumosa (cerca de 400 páginas de um total de 600) e a mais dramática, chama a atenção o fato de que há uma média estatística menor de marcas de leitura. Em suma, trata-se de uma leitura parcimoniosa e "sóbria" d'*Os Sertões*. Marcando em média apenas uma palavra ou pouco mais a cada dez páginas, Rosa conseguiu, assim mesmo, evocar o espírito do grande livro precursor. Recortou pouco e recortou exato.

Uma segunda opção seria o estudo analítico das correspondências textuais entre *Os Sertões* e *Grande Sertão : Veredas*, ou seja, uma pesquisa que associe cada marca de leitura no livro de Euclides, na medida do possível, a uma determinada passagem do texto de Rosa. A hipótese de trabalho, no caso, é que os "estímulos de leitura" — na nomenclatura de estilística estrutural<sup>14</sup> — se traduziram em elementos de construção do romance. Vejamos duas ou três amostras desse tipo de correspondências. Na segunda parte d'*Os Sertões*, Rosa sublinha um detalhe da indumentária do sertanejo (marca n° 10):

Apenas, de longe em longe, nas raras *encamisadas*, em que aos descantes da viola o matuto deslembra as horas fatigadas, \ \ surge uma novidade — um collete vistoso de pelle de gato do matto ou de *sussuarana*, com o pello mosqueado virado para fóra, ou uma bromelia rubra e ála cre fincada no chapéu de couro. \ \

[Grifo e marcas de G. Rosa + anotação à margem: "? (erro)"].<sup>15</sup>

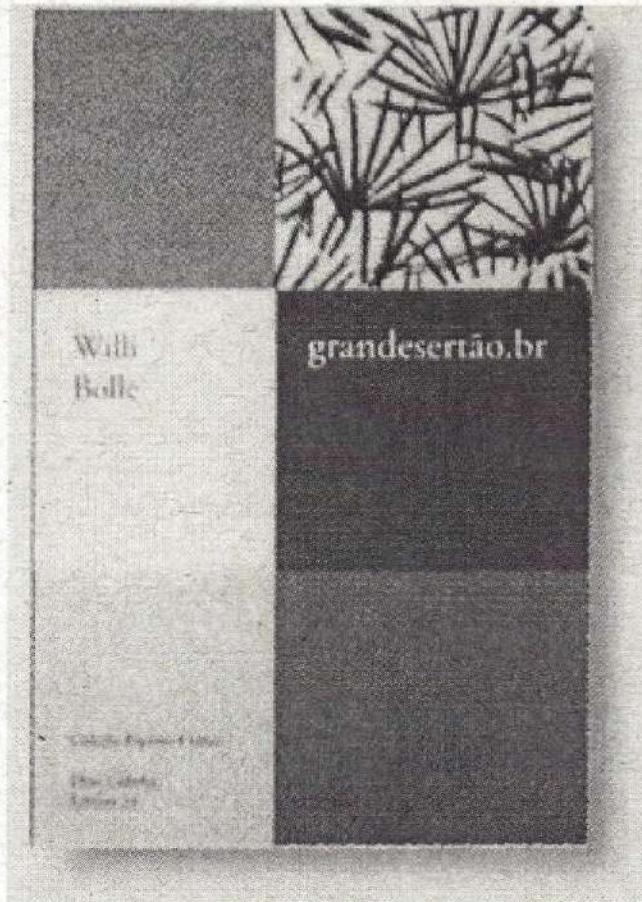
Deixemos aqui de lado a questão das correspondências do texto euclidiano com o estudo de Rosa sobre a cultura de vaqueiro, "Pé-duro, chapéu-de-couro" (1952),<sup>16</sup> que mereceria um trabalho à parte, e focalizemos o *Grande Sertão : Veredas*. Na passagem em que o bando de jagunços, sob a chefia de Zé Bebelo, se defronta com os habitantes mais retrógrados e miseráveis do sertão, os "catrumanos", surge um eco da palavra acima sublinhada:



<sup>14</sup> Cf. Riffaterre, *Essays de stylistique structurale*, cap. 1.

<sup>15</sup> O comentário "? (erro)" parece ser devido à contradição entre o pelo "mosqueado", isto é, salpicado de manchas, próprio da onça-pintada, e o pelo avermelhado uniforme da suçuarana ou onça-parda.

<sup>16</sup> In: João Guimarães Rosa, *Ave, Palavra*, Rio de Janeiro, J. Olympio, 1970, p. 123-143.



[...] eram só molambos de miséria, quase que não possuíam o respeito de roupas de vestir. Um, aos menqs trapos: nem bem só o esporte de uma tanga esfarrapada e, em lugar de camisa, a ver a espécie de coléte, de couro de jaguacacaca. (GSV, p. 290, grifo meu.)<sup>17</sup>

Outro exemplo de correspondência textual encontra-se no fim de um quadro etnográfico da população de Canudos, quando Rosa se detém na descrição das armas (marcas n° 28 e 29):

Por fim as armas — a mesma reviviscência de estadios remotos: o facão jacaré [...]; a parnahyba dos cangaceiros [...]; o ferrão ou guçada [...], reproduzindo os piques antigos; \\ os cacetes ocos e cheios pela metade de chumbo, [...], \\ as béstas e as espingardas. Entre estas ultimas, gradações completas, desde a de cano fino, carregada com escumilha, até à “legítima de Braga”, cevada com chumbo grosso, ao trabuco brutal ao modo de uma colubrina portatil, capaz de arremessar calhaos e pontas de chifre, \\ à lazzarina ligeira, ou ao bacamarte de bocca de sino \\.

[Grifos e marcas de G. Rosa.]

Boa parte dos nomes desse arsenal, característico de culturas atrasadas, foi aproveitada pelo romancista em sua descrição do armamento dos catrumanos:

[...] no alto da virada — uns homens. Esses estavam com espingardas. [...] Todos estavam com alguma garantia: que eram lazarinas, bocudas baludas, garruchas e bacamartes, escopetas e trabução — peças de armas de outras idades. (GSV, p. 289 s. ; grifos meus.)

E mais um exemplo de correspondência, desta vez de tipo não lexical, mas situacional. A passagem realçada por Rosa encontra-se no capítulo “Últimos dias”, subcapítulo “Os prisioneiros”. As marcas de leitura n° 48, 49 e 50 focalizam um dos prisioneiros: sua fisionomia, armamento, indumentária e, *en passant*, seu comportamento:

Forte, de estatura meã e entroncada [...] era, tudo o revelava, um lutador de primeira linha [...]. Pendia-lhe à cintura, oscillante, batendo abaixo do joelho, a bainha vasia de uma faça de arrasto. [...] > Entrou, jugulado como uma fêra, na tenda do commandante da 1.ª columna. < [...] Tirou o largo chapéu de couro e, ingenuamente, fez menção de sentar-se.

> Era a suprema petulancia do bandido! <

> Brutalmente repellido, rolou aos tombos pela outra porta, escorjado sob punhos possantes.<

[Grifos de G. Rosa. Pela importância do contexto, acrescentei as frases marcadas com > <.]

Com esse episódio faz par, a meu ver, no romance de Rosa, um momento do julgamento do caçador de jagunços Zé Bêbelo, derrotado em batalha pelas tropas do chefe de jagunços Joca Ramiro:

<sup>17</sup> “GSV” é a abreviatura aqui usada para João Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*, 5.ª ed., Rio de Janeiro, J. Olympio, 1967. “Jaguacacaca”, embora pareça fazer parte do paradigma “jaguar” (assim como a “suçarana”) designa, segundo o *Novo Dicionário Aurélio*, a lontra brasileira.

Para diante de Joca Ramiro, no meio do cirado, tinham trazido um môcho, deixado botado lá; era um tamborete de tripés, o assento de couro. Zé Bebelo, ligeiro, nêle se sentou. — “Oxente!” — se dizia. [...] Zé Bebelo sentado simples e Joca Ramiro em pé [...] Aquilo, sim, que sendo um atrevimento; caso não, o que, maluqueira só. [...] O que vendo, os outros se franziram, faiscando. Acho que iam matar, não podiam ser assim desfeiteados, não iam aturar aquela zombaria. (GSV, p. 197)



A influência do primeiro texto sobre o segundo não pode ser empiricamente comprovada, mas, quanto à postura de ambos os personagens-prisioneiros e à reação dos homens em volta, há entre as duas passagens um elevado grau de semelhança: a extrema ousadia do vencido, que abala a auto-estima dos vencedores.

Quando a crítica tiver estabelecido, dentro dessa linha de trabalho, todas as correspondências existentes entre as marcas de leitura de Rosa em seu exemplar de *Os Sertões* e o texto de *Grande Sertão: Veredas*, teremos um conhecimento muito mais exato do trabalho de criação do romancista. Contudo, embora esse tipo de investigação filológica comparada seja de grande interesse, ele não é aqui o meu objetivo principal.

Estou propondo um terceiro caminho: em vez de uma exegese exaustiva, uma a uma, de todas as 59 anotações feitas por Guimarães Rosa em seu exemplar de *Os Sertões*, um comentário de apenas algumas anotações escolhidas. Aquelas que me parecem as mais propícias, as mais estratégicas para testar a hipótese de *Grande Sertão: Veredas* como re-escrita do livro precursor. Foi a atitude de sobriedade do próprio Guimarães Rosa diante do texto de Euclides que motivou esse *approach*. O caráter parcimonioso de suas anotações — menos de 60 marcas em 600 páginas, o que é ao mesmo tempo pouco e o suficiente<sup>18</sup> — fez com que eu me limitasse a uma única questão, um único aspecto. Acho que *Grande Sertão: Veredas* pode ser considerado como um **oubli actif** de *Os Sertões*. Quero dizer com isso que o autor do romance, para poder escrevê-lo, não só “esqueceu”, como tinha de esquecer ativamente o grande livro precursor. É o que tentarei mostrar através do comentário de alguns pontos bem calculados.

A operacionalidade do conceito de “oubli actif” foi demonstrada por Walter Moser, que cunhou o termo, num workshop sobre “Reciclagens da memória”, em 1997.<sup>19</sup> Ele o desenvolveu a partir da “arte do esquecimento”, estudada por Umberto Eco.<sup>20</sup> Como outro termo precursor do “oubli actif” pode ser considerado o conceito de “oubli positif”, usado por Paul Valéry nos seus *Cahiers*. Em suas pesquisas sobre a *ars inventiva*, o poeta — como explica Hans Robert Jauss — privilegiou a *ars oblivionalis* em detrimento da *ars memorativa*. Segundo esse crítico, o “oubli volontaire” ou a “metodologia do esquecimento” representaria um grande incentivo para o processo de criação artística.<sup>21</sup> Além disso é possível observar uma afinidade do “oubli actif” com o conceito de alegoria, tal como foi usado por Walter Benjamin. A alegoria entendida como um procedimento dialético de desvalorização (esquecimento) e valorização (rememoração). Assim, por exemplo, a alegorização cristã relegou ao esquecimento o *pantheon* dos antigos — mas, com isso mesmo, manteve aquelas imagens na memória, salvando-as. Do resgate e da redenção dos objetos relegados nasceu o conceito benjaminiano de “crítica salvadora”. De inspiração teológica, ela seria praticada por historiográficos dispostos a reaprender seu ofício com aqueles que reutilizam aquilo que foi jogado fora: os trapeiros.<sup>22</sup>

<sup>18</sup> É o suficiente se considerarmos essas marcas como “palavras-gestus”, no sentido da teoria estética de Bertolt Brecht. Para esse autor, o *gestus* condensa a atitude ou postura de uma pessoa na relação com uma outra. Transferindo esse conceito para G. Rosa leitor de Euclides, as palavras-gestus lhe permitiram compreender e reter o essencial do texto em questão.

<sup>19</sup> Walter Moser, “Matériaux baroques: mémoires et amnésie”, comunicação apresentada no XV Congresso da Associação Internacional de Literatura Comparada, Universidade de Leiden, 16-22/08/1997.

<sup>20</sup> Cf. U. Eco, “Ars oblivionalis”, in *Kos* 30 (1987), p. 40-53; versão anterior, de 1966, sob o título “An *Ars Oblivionalis*? Forget it!” in: *PMLA* 103 (1988), p. 254-261. Ver também Harald Weinrich, *Letzte Kunst und Kritik des Vergessens*, Munique, 1997.

<sup>21</sup> Cf. Hans Robert Jauss, “Die Kritik der Erinnerung in Valéry’s *Cahiers*”, in: *Memoria. Vergessen und Erinnern*, orgs. Anselm Haverkamp e Renate Lachmann, Munique, Fink, 1993, p. 425-429.

<sup>22</sup> Cf. W. Bolle, “L’historiographie figurative de Walter Benjamin”, in: *Recyclages. Économies de l’appropriation culturelle*, orgs. Claude Dionne, Silvestra Mariniello e Walter Moser, Montréal, Eds. Balzac, 1996, p. 173-190.

O conceito de "oubli actif", aplicado ao nosso objeto de estudo, nos leva a conceber o romance de Rosa como contra-leitura, esquecimento parcial e desconstrução d'*Os Sertões* e, ao mesmo tempo, como sua reconstituição, rememoração, e seu resgate. Concomitantemente poderia se ver *Grande Sertão : Veredas* como uma "alegoria": seja etimologicamente falando, enquanto um discurso sobre o Brasil-Sertão através do "outro" discurso, anterior; seja no sentido benjaminiano, como "reutilização" do livro precursor.<sup>23</sup>

Como é que o "oubli actif" torna-se operacional na leitura rosiana do livro de Euclides? O oubli actif é um deslembrar-se. "Deslembrar-se" é uma das palavras sublinhadas no exemplar rosiano d' *Os Sertões* (marca de leitura n° 15). O contexto é formado por considerações sobre a principal atividade econômica da região — a criação do gado — e a cultura correlata, incluindo a mentalidade dos vaqueiros e o seu estatuto jurídico, aquilo que Euclides chama de "servidão inconsciente". Como o autor expõe, os vaqueiros cuidam fielmente dos rebanhos que pertencem a fazendeiros que vivem no litoral. Quando surge no logradouro um animal desconhecido, uma vaca que dá cria, o vaqueiro ferra a esta com o mesmo sinal desconhecido e toma conta dos bezerros, separando de cada quatro um para a sua paga:

Succede muitas vezes ser decifrada, afinal, uma marca sómente depois de muitos annos, e o criador feliz receber, ao envez da peça unica que lhe fugira e da qual se deslembrara, numa ponta de gado, todos os productos della.

[Grifo de G. Rosa.]

Olhando-bem, o contexto da palavra "deslembrar-se" — que Rosa parece ter marcado basicamente pela sua expressividade — não é somente econômico e jurídico, mas também metalingüístico.<sup>24</sup> O texto de Euclides ("Servidão inconsciente") fala explicitamente no "abc" dos vaqueiros, na "arte em que são eméritos", que é a arte de conhecer os *ferros*, sinais de todos os feitios, ou **letras**, desenhos, siglas. Não é por acaso que nessas três páginas (1/2 % do texto total) se concentra o maior número dos registros rosianos de leitura: 7 de 59 (12 % do total). Há uma afinidade eletiva entre as "marcas" que o vaqueiro "lê" e "escreve" nos animais, e as marcas de leitura do escritor Guimarães Rosa em seu exemplar d' *Os Sertões*, nesse capítulo que é um pequeno tratado sobre a semiótica e a escrita do sertanejo. Não estaria aqui, talvez, uma das fontes de inspiração da figura de Riobaldo enquanto "jagunço-letrado"<sup>25</sup>? Em todo caso, há fortes razões para retermos a palavra "deslembrar-se", atribuindo-lhe a função de pensar a questão do "oubli actif" com termos do próprio Guimarães Rosa. *Grande Sertão : Veredas* como "deslembrança" d' *Os Sertões*, sendo que o "deslembrar-se" designaria, nesse novo contexto, uma "metodologia do esquecimento" e um gestus de construção.

Como é que procedeu o romancista para **deslembrar-se** do livro precursor? Sua atitude de leitura salta mais à vista na terceira parte, intitulada "a Luta". Guimarães Rosa "esqueceu" a tragédia do povo de Canudos, o requiem escrito pelo autor d'*Os Sertões* num estilo comovente, sublime, acusador.<sup>26</sup> Diferentemente de Euclides, ele não se comove, não estabelece nenhuma relação de empatia com as vítimas da tragédia.<sup>27</sup> Como recurso capital do "oubli actif" d' *Os Sertões* por parte de Rosa configura-se um olhar impassível sobre os acontecimentos de alta temperatura política e moral.<sup>28</sup> Essa atitude se traduz de diversas formas.

<sup>23</sup> Além disso, poder-se-ia investigar o tipo de trabalho de "perspectiva" (cf. Erwin Panofsky) e de "perlaboração" (*Durcharbeitung*, cf. Sigmund Freud) pelo qual passou o livro de Euclides na oficina literária de Guimarães Rosa; tais questões, porém, ultrapassariam os limites deste ensaio.

<sup>24</sup> Foi talvez esse contexto metalingüístico que fez com que Rosa grifasse a palavra "deslembrar-se" somente aqui, na marca n° 15, quando já poderia tê-lo feito na marca n° 10, onde ela também aparece.

<sup>25</sup> O termo é de Wálnice Galvão, *As Formas do Falso*, São Paulo, Perspectiva, 1972, p. 77. No V Congresso da ABRALIC, no Rio de Janeiro, em julho de 1996, apresentei uma comunicação intitulada "O jagunço-letrado"; o texto ainda necessita de revisão para ser publicado.

<sup>26</sup> Cf. Berthold Zilly: "Um depoimento brasileiro para a História Universal. Traduzibilidade e atualidade de Euclides da Cunha", in: *Humboldt* 38 (1996), n° 72, p. 8-12.

<sup>27</sup> O único momento em que Rosa compartilha do *pathos* de Euclides encontra-se no capítulo "Últimos dias. A dinamite" (marcas n° 58 e 59): "A demais entalhava-se o cerne de uma nacionalidade. Atacava-se a fundo a rocha viva da nossa raça." [Grifos de G. Rosa] Essa passagem mereceria um comentário à parte.

<sup>28</sup> Nos anos 60, durante um congresso de escritores num país latino-americano, sentiu-se a ausência de G. Rosa, enquanto todo o mundo se abalava com a situação política explosiva. Quando lhe perguntaram pela causa do seu desaparecimento, ele explicou que estava relendo Proust.



que lhe ensinaram a forma mais antiga de leitura: a do seu destino. "Absolutas estrelas!" exclama Riobaldo na hora de evocar o pacto com o Diabo (GSV, p. 319) — pacto que o impulsionará a sair "por terras e guerras" (p. 316). Aqui também, a comparação de passagens entre os dois livros pode levar a imaginar um possível proto-texto de *Grande Sertão: Veredas* ...

3. Primazia dada aos objetos. Com sua atitude anti-*pathos*, Rosa escolhe no texto de Euclides as palavras mais leves, detalhes aparentemente insignificantes. O contexto da seguinte marca de leitura (nº 31) é ainda a expedição Moreira Cesar, a investida dos militares contra Canudos, no capítulo "Saque antes do triunfo". Os soldados lutam dispersos dentro do labirinto das vielas, expugnando as casas:

A um canto os bogós transudantes, tumidos de água crystallina e fresca.

[Grifo de G. Rosa + palavra anotada à margem: "bogós".]

No meio de uma batalha de grande envergadura, acontecimento histórico decisivo, sobre o qual se fixaram os olhos da nação, a atenção de Guimarães Rosa se detém num objeto trivial: os bogós. Aparentemente irrelevante, esse objeto revelou-se repentinamente como sendo de importância estratégica: isca e armadilha para soldados famintos que queriam aproveitar a investida para fazer uma rápida refeição em Canudos - recebendo às vezes, como assinala Euclides, como pospasto uma carga de chumbo. A partir do objeto ("bogós") que perdurou, perecível e no entanto mais durável que o ser humano, é possível reconstituir arqueologicamente o evento histórico.<sup>30</sup>

Tal reconstituição também é possível a partir de outra marca de leitura (nº 55), onde Euclides fornece um quadro da cultura material de Canudos em forma de um amontoado de ruínas, escombros e entulhos:

A soldadesca varejando as casas puzera fóra, às portas, entupindo os beccos em monturos, toda a ciscalhagem de trastes em pedaços, de envolta com a farragem de molambos inclassificáveis: pequenos bahús de cedro; bancos e giráos grosseiros; rédes em fiapos; berços de cipó e balaios de taquara; jacás sem fundo; roupas de algodão, de cor indefinível; vasilhames amassados, de ferro; caqueiradas de pratos, e chicharas, e garrafas; oratorios de todos os feitios; \\ brucacas de couro \\ crú; alpercatas imprestáveis; candieiros amolgados, de azeite; canos estrondados, de trabucos; lascas de ferrões ou fueiros; caxerenguengues rombos...

[Grifo e marcas de G. Rosa]

O historiógrafo se revela aqui, no sentido benjaminiano, como um trapecista ou catador de lixo.<sup>31</sup>

4. Confronto da história humana com a história natural. Um dos recursos de Guimarães Rosa para manter um olhar distanciado sobre os eventos históricos, consiste em justapor-lhes detalhes do comportamento dos animais. A seguinte passagem (marca nº 34) faz parte da Quarta Expedição, capítulo "Pelas estradas. Os feridos", quando ocorre o refluxo dos soldados postos fora de combate, os quais, a caminho de Monte Santo, acampam em estâncias desoladas:

<sup>30</sup> Assinalemos que Guimarães Rosa usa a palavra "bogós" em *Grande Sertão: Veredas*, nos preparativos para a estratégia tentativa de travessia, a primeira e a segunda, do Liso do Sussuarão: "Os bogós de couro foram enchidos nas nascentes da lagoa, e enqueridos nas costas dos burrinhos." (GSV, p. 38); "Aprofundar naquele *raso* perverso [...] mas sem preparativos nenhuns, nem cargueiros repletos de bom mantimento, nem bois tangidos para carnação, nem bogós de couro-crú derramando de cheios, nem tropa de jegues para carregar água." (GSV, p. 382 s.)

<sup>31</sup> Cf. Irving Wohlfahrt, "Et Cetera? De l'historien comme chiffonnier", in: *Walter Benjamin et Paris*, org. Heinz Wismann, Paris, Cerf, 1986, p. 559-609.

Não raro, alguns bois - rebutalhos de manadas grandes tresmalhadas pelo alvoroço da guerra - ao lóbrigarem, de longe, a azafama que movimentava de novo a paragem a que se haviam aquerenciado, o rancho tranqüillo onde tinham soffrido a primeira *ferra*, para lá abalavam velozmente. Vinham urrando, numa alegria ruidosa e forte. Buscavam o vaqueiro amigo que os campeara outr'ora e iria, de novo, ao som das cantigas conhecidas ou ao toar tristonho do *aboiado*, leval-os às *soltas* predilectas, aos *logradouros* fartos e às aguadas frescãs.



O *homo sapiens* é visto da perspectiva dos animais, que o procuram, pois haviam se “aquerenciado” a ele. Rosa registra uma forma de discurso indireto livre, uma espécie de “conversa de bois”, que procuram o homem como “amigo”, com “alegria” e boas expectativas. Segue, no texto de Euclides, uma montagem em choque em que os bois vão se deparando com o mais feroz dos animais.

Exemplo ainda mais marcante do confronto entre a história humana e a história da natureza, é a passagem seguinte, em que os animais passam a ser protagonistas da História. O contexto continua sendo a Quarta Expedição, capítulo “Colaboradores prosaicos demais”. Conforme relata Euclides, o Marechal Carlos Machado de Bittencourt, Quartel-Mestre-General da Campanha, teve papel decisivo ao compreender que, para ganhar a guerra, era fundamental cuidar do apoio logístico. Comprava muares e passou a organizar comboios regulares de aprovisionamento de Monte Santo a Canudos. Ganhou a guerra, porque soube aliar a tecnologia moderna com as forças arcaicas da natureza:

Mil burros mansos valiam na emergencia por dez mil heroes.

[Grifo de G. Rosa]

O mais calumniado dos animaes ia assentar, dominadoramente, as patas entaloadas em cima de uma crise, e esmagal-a...

As passagens aqui escolhidas (marcas nº 37 e 38) pelo autor de “O Burrinho Pedrês” podem ser lidas como um decidido distanciamento de qualquer heroificação dos homens guerreiros.

O distanciamento de Rosa do *pathos* de Euclides não significa que ele tenha ficado insensível diante do massacre da população de Canudos. Vejamos, na parte “Nova fase da luta”, depois de efetuado o cerco à cidade, esta cena do acampamento dos soldados (marca nº 43):

Na pharmacia militar, estudantes em férias forçadas riam ruidosamente e recitavam versos; e pelas paredes ralas de todas as choupanas ridentes, de folhagens pintalgadas de flores murchas de joazeiros, transudavam vozes e risos dos que lá dentro não tinham temores, que lhes agourentassem as horas ligeiras e tranqüillas.

[Grifo de G. Rosa.]

Com um máximo de discreção, o escritor expressa seu trabalho de luto, contrastando com a euforia dos vencedores. Por um lado, o riso dos estudantes em férias, coadjuvantes de uma força militar esmagadora e de uma maciça propaganda da mídia que estigmatizava os canudenses como criminosos; por outro lado, à margem,

a comunhão do observador com a natureza muda que oferece um requiem aos sertanejos que estão sendo exterminados.

O ponto de chegada desta leitura de uma leitura é o conceito de história em Euclides da Cunha e Guimarães Rosa. Sobre isso nos instrui uma marca de leitura (nº 36) no relato da Quarta Expedição, no capítulo onde se traça um perfil do Marechal Bittencourt:

Quem delle se abeirasse, buscando alentos de uma intuição feliz ou um traço varonil, sulcando a situação emocionante e grave, que até lá o arrastava, topava, surpreso, a esterilidade de uns conceitos triviaes, longas frivolidades cruelmente enfadonhas sobre paradas de tropas, intermináveis minucias sobre distribuição de generos e remontas de cavalhadas - \\ como se este mundo todo fosse uma immensa Casa da Ordem, e a História uma variante da escripturação dos sargentos \\.

[Grifo de G. Rosa.]

A imagem sublinhada pelo romancista oferece uma visão que é uma abreviatura do mundo. A metáfora é de cunho barroco, assim como esta outra, citada por Walter Benjamin em seu livro sobre o drama barroco alemão:

Quem quisesse abrilhantar com palavras sensatas/ esses frágeis casebres/ onde a miséria orna todos os cantos/ não contrariaria a boa forma/ nem ultrapassaria a medida da verdade fundamentada/ se chamasse o mundo uma loja geral/ um posto aduaneiro da morte/ onde o ser humano é a mercadoria corrente/ a morte, o comerciante maravilhoso/ Deus, o contabilista mais consciencioso/ e a sepultura, a veste e a mercearia lacradas.<sup>32</sup>

Ambas as metáforas - o mundo como Casa da Ordem e o mundo como loja geral - expressam uma concepção prosaica da História, onde a logística juntamente com a contabilidade e o espírito de lucro mantêm a máquina bélica a funcionar.<sup>33</sup> A atmosfera reinante nesse mundo é o tédio.

“A História uma variante da escripturação dos sargentos”. Com essa marca, Guimarães Rosa leitor de Euclides da Cunha nos faz lembrar a origem da escrita. Inventada na Mesopotâmia, há cerca de 5300 anos, ela serviu primordialmente a necessidades de comércio e contabilidade. Seu uso em narrativas épicas foi posterior. Radicalizando um certo tipo de discurso não-heroico, contido em fragmentos do livro precursor *Os Sertões*, o romance *Grande Sertão: Veredas* desenvolve uma historiografia, em que as ações “românticas”, emocionantes ou “varonís” constituem apenas um dos planos. Nas frestas dos relatos de batalha, entrevê-se como a roda-viva da História: a guerra como negócio, o ser humano como mercadoria, e um Deus “traíçoeiro”, fazendo o papel do contabilista mais consciencioso.

<sup>32</sup> Christoph Männling (“Schaubühne des Todes”/ “Palco da morte”), cit. por W. Benjamin, *Origem do drama barroco alemão*, in: idem, *Documentos de cultura, documentos de barbárie*, org. W. Bolle, São Paulo, Cultrix/ Edusp, 1986, p. 17.

<sup>33</sup> Compare-se a marca de leitura nº 32: “Em Minas, um quadrilheiro desempenado, João Brandão, destroçava escoltas e embrenhava-se no alto sertão do S. Francisco, tangendo cargueiros ajoagados de espingardas” (grifo de G. Rosa) com as passagens referentes a esconderijos e transportes de munição, em *Grande Sertão: Veredas*.

SISTEMA DE  
BIBLIOTECAS DA UNAMA

João Simão Aguiar